

Aspectos da memória em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo

Prof. Ms. Aline Alves Arruda¹ (UFMG)

Resumo:

Tratarei nessa apresentação sobre a memória no romance Ponciá Vicêncio, da escritora mineira Conceição Evaristo. O olhar afro-descendente da autora nos confirma, através da história da protagonista e de sua família, a importância desse aspecto nos textos de autores afro-brasileiros. Para Ricouer (2000), a memória é erigida como critério de identidade e está a serviço da busca desta última. É o que acontece com a protagonista Ponciá, que vive sua procura a partir da memória afro-descendente herdada de seus ancestrais, em especial seu avô Vicêncio. Nossos autores afro-brasileiros confirmam, assim, um novo pensamento sobre a memória diaspórica negra e trazem para sua literatura marcas desse olhar coletivo que é, para eles, uma espécie de motor da narrativa ou da poesia.

Palavras-chave: memória – literatura afro-brasileira – identidade – diáspora

Introdução

A escritora Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946, numa favela no alto da Avenida Afonso Pena, área valorizada da capital. Com o tempo, a população que lá vivia foi desfavelizada, removida para outros bairros da cidade e da área metropolitana, pois novos prédios e ruas foram construídos na região. Tendo vivido a infância nesse local, Conceição traz na memória acontecimentos e pessoas desse tempo que, vez ou outra, participam de suas narrativas. Sua mãe, dona Joana, teve nove filhos, era doméstica, lavava roupas para fora e ainda encontrava tempo para lhes contar histórias, palavras que também fazem parte do “acervo” de Evaristo, que se diz nascida rodeada delas. A autora também trabalhou como doméstica na capital mineira enquanto estudava. Formou-se professora no antigo curso Normal, em 1971, e depois se mudou para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em um concurso municipal para magistério e, posteriormente, no curso de Letras na Universidade Federal daquele Estado. Conceição é mestre pela PUC/RJ, onde defendeu, em 1996, a dissertação *Literatura negra: uma poética da afro-brasilidade*. Hoje é doutoranda em Literatura Comparada na UFF. A autora publica poemas e contos na coletânea *Cadernos Negros* desde 1990, e é chamada para palestras e congressos em todo o Brasil e no exterior, nos quais aborda as questões de gênero e etnia na literatura brasileira.

Ponciá Vicêncio é o primeiro romance de Conceição Evaristo e vem sendo tema de artigos e discussões no meio acadêmico desde sua publicação em 2003. Além da indicação ao vestibular 2008 da UFMG, o livro foi publicado recentemente em inglês. A obra narra problemas do cotidiano das mulheres afrodescendentes sob um ponto de vista claramente feminino e negro, num contexto atual que nos permite propor o presente estudo. Este trabalho propõe a análise de uma obra que questiona o cânone brasileiro e busca, ao mesmo tempo, suplementá-lo, no sentido derrideano do termo¹. Além de *Ponciá Vicêncio*, a autora publicou também o romance *Becos da Memória*, em 2006, o qual narra a história de personagens que vivem em uma favela em processo de demolição.

¹ Para Derrida, em seu conceito de desconstrução, toda origem nunca é “original”, pois ela é desde sempre suplementada por todo um discurso. Segundo Paulo Cesar Duque-Estrada, “o suplemento diz respeito evidentemente, a alguma forma de construção em que, necessariamente, entram em jogo várias determinantes, de ordens lingüísticas, sociais, morais, culturais, históricas, institucionais, estratégicas etc”

A memória como motor da narrativa

O enredo de *Ponciá Vicêncio* traça a trajetória de uma mulher negra, a protagonista que dá nome ao livro, desde sua infância até a idade adulta. Ponciá mora com a mãe, Maria Vicêncio, na Vila Vicêncio, que concentra, no interior do Brasil, uma população de descendentes de escravos. Seu pai e seu irmão trabalham na lavoura para a família Vicêncio, que é dona das terras onde todos moram e trabalham, além de serem os donos do sobrenome dos habitantes da vila, como a família de Ponciá. O romance tem uma história fragmentada que, através de *flashbacks*, narra a infância da menina na vila junto da mãe e do artesanato com o barro que as duas fazem. O narrador, na terceira pessoa, nos leva ao íntimo dos personagens e à introspecção destes através do uso do discurso indireto livre durante toda a narrativa. É assim que conhecemos a alegria da menina Ponciá que, seguindo uma crendice popular brasileira, brincava de passar por debaixo do arco-íris com medo de mudar de sexo e se mostrava diferente desde criança, principalmente por sua semelhança física com o avô Vicêncio. Este, ainda escravo, num momento de loucura e tremenda indignação diante da escravidão que ainda perdurava, mata a esposa e se mutila, cortando o próprio braço. E é esse braço cotó que Ponciá imita desde pequena. E embora ela fosse criança de colo quando o avô paterno morreu, apresenta tais semelhanças e modela um boneco de barro idêntico a ele. Por esses e outros motivos, todos dizem que a menina carrega consigo a herança do avô. Nêgua Kainda, uma velha sábia da região, é quem mais enfatiza isso à menina e aos seus familiares. Para ela, Ponciá precisava cumprir sua herança.

Após perder o pai, Ponciá decide partir para a cidade grande em busca de uma vida melhor. Sua viagem é feita de trem e demora dias sofridos. Ela chega ao lugar sem referências, dorme uma noite na porta da igreja e depois consegue um emprego como doméstica. Enquanto junta seu dinheiro para comprar um barraco e trazer a mãe e o irmão para morar com ela na cidade grande, na vila Vicêncio, Luandi, seu irmão, também decide migrar, para a tristeza de sua mãe. O rapaz faz a mesma viagem que a irmã e chegando à cidade, arruma emprego de faxineiro numa delegacia, através da indicação do soldado Nestor, negro que ele conhece na estação de trem. Luandi fica feliz, já que seu sonho era ser soldado. Maria Vicêncio, com a casa vazia, decide viajar sem rumo até que chegue a hora de ir ao encontro dos filhos. Enquanto isso, Ponciá volta à vila em busca dos seus, mas não encontra ninguém, apenas a certeza, através de sua conversa com Nêgua Kainda, de que um dia, além de cumprir sua herança, ela reencontrará a mãe e o irmão. De volta à cidade, Ponciá se junta a um homem que conhece na favela. Inicialmente apaixonada, sofre depois com suas agressões físicas, causadas, principalmente, por causa do estado de apatia que ela se encontra e no qual permanece por longo tempo. As perdas de Ponciá foram muitas: a ausência dos familiares e os sete abortos que sofreu.

A memória é fator importante na construção do romance de Conceição Evaristo. Da primeira à última página, a memória conduz os pensamentos da protagonista e dos outros personagens, além de guiar sua vivência, tão representativa daquela de seus antepassados. Na primeira página do livro, Ponciá mostra-se envolta em recordações da infância, de quando pensava que, ao passar pelo arco-íris, mudaria de sexo. O arco-íris em questão é, na mesma página, denominado “angorô” – palavra africana de origem banto que representa um inkice correspondente a Oxumaré na nação ketu e no candomblé.² Ou seja, a memória individual da protagonista está diretamente ligada à memória de seus ascendentes africanos. Para Ricoeur (2000), a memória, diferente da imaginação, refere-se à realidade anterior, às recordações do passado, que passam pelas recordações individuais e coletivas. Segundo Maria José Somerlate

² Em entrevista concedida a mim, Conceição afirma que a escolha da palavra de origem banto foi com a intenção de valorizar esta cultura africana, que predomina em Minas Gerais.

Barbosa (2003), “se a memória é a via de acesso de Ponciá ao seu autoconhecimento, é também através dela, do que a voz narrativa constrói, que nós leitores penetramos no âmago das suas emoções e passamos a conhecer a história pessoal de cada um” (PV, 6). Durante toda a narrativa, percebemos o atrelamento entre as experiências passadas da protagonista e a experiência coletiva representada, principalmente, pela figura de seu avô, Vicêncio, escravo que fica louco após matar a esposa, se mutilar e tentar matar os filhos diante da ameaça de vê-los escravizados para o resto da vida. A semelhança entre Ponciá e o avô é, segundo alguns personagens, uma marca da herança que este lhe havia deixado.

Paul Ricoeur, relendo o filósofo Santo Agostinho, sublinha três traços do caráter fundamentalmente privado da memória: o primeiro é a singularidade desta, ou seja, as recordações pessoais são intransferíveis. Em segundo lugar, o autor enfatiza que na memória reside o vínculo original da consciência com o passado, e acrescenta

Por esse traço, precisamente, a memória garante a continuidade temporal de uma pessoa e, mediante esse rodeio, essa identidade cujas dificuldades e perigos temos afrontado mais acima. Essa continuidade me permite remontar sem ruptura o presente vivido até os acontecimentos mais distantes de minha infância. Por um lado, as recordações se distribuem e se organizam em níveis de sentido, em arquipélagos, eventualmente separados por precipícios; por outro, a memória segue sendo a capacidade de percorrer, de remontar o tempo, sem que nada proíba, a princípio, prosseguir, sem solução de continuidade, esse movimento. No relato, principalmente, se articulam as recordações no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade. Assim, me remeto ao passado, à minha infância, com o sentimento que as coisas ocorreram em outra época. É esta alteridade que, por sua vez, servirá de entrave à diferenciação dos espaços de tempo que procedem à história tomando como base o tempo cronológico. (RICOEUR, 2000, 129)³

A “continuidade temporal” de Vô Vicêncio é garantida, no romance, por sua neta Ponciá, que carrega consigo as marcas da lembrança do avô, especialmente o modo de andar, com um dos braços escondidos às costas e a mão fechada como se fosse cotó. Embora o avô tivesse morrido quando Ponciá era ainda muito pequena, os primeiros passos da neta, na infância, já lembravam o seu antepassado. Além disso, a menina, artesã do barro, fez um boneco igualzinho ao avô, o que deixou sua mãe preocupada: “ela era tão pequena, tão de colo ainda quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória?” (PV, 19). Ao olhar para o boneco, o pai de Ponciá reconhece seu próprio pai, inclusive na expressão de dor. O boneco e as marcas físicas em Ponciá nos mostram o que Ricoeur expôs, acima, sobre o poder da memória de chegar aos acontecimentos mais distantes da infância do indivíduo e ter ainda a capacidade de remontar o tempo. O enredo, aparentemente fragmentado (como a memória), torna-se mais linear à medida que montamos o quebra-cabeça vindo da memória das personagens e, ainda, da história a que todo o romance nos remete.

E, em terceiro e último lugar, Ricoeur afirma que à memória se vincula o sentido de orientação no passo do tempo, tanto do passado para o futuro, quanto do futuro ao passado. Esse vínculo é claro no romance em vários momentos. Como já dito, desde a primeira página percebemos a importância dessa característica para a narrativa de Evaristo. Logo depois, várias são as lembranças de Ponciá, além daquelas vindas até ela através das narrativas de outras personagens como a mãe e o irmão. Também a história de outras personagens como Bilisa, a mulher-dama por quem Luandi se apaixona, é trazida pelo narrador na volta ao

³ Tradução minha.

passado triste da mulher que também veio da roça para a cidade grande com sonhos de uma vida melhor e que acaba sendo acusada pela patroa de um roubo que não cometeu na casa onde morava e trabalhava. Assim, ela vira prostituta, chegando ao final trágico de ser assassinada por Negro Climério. Bilisa torna-se, dessa forma, mais um símbolo da denúncia social feita no livro.

As idas e vindas da família Vicêncio também nos remetem a esse sentido de orientação no passo do tempo. A ordem atemporal e não linear dos acontecimentos do romance nos lembra, mais uma vez, essa característica da memória. Além de nos remeter à história ancestral de Ponciá, através da metáfora entre o trem e o navio negreiro.

A memória individual de Ponciá marca principalmente sua volta à infância na vila. Dessa forma, ao leitor são passadas as lembranças felizes e trágicas. Essas recordações vêm à tona principalmente na fase mulher de Ponciá, quando seu olhar distante e sua letargia diante do mundo real acontecem. Nesses momentos, as recordações afloram. De um lado, temos, então, as lembranças agradáveis: “nos tempos de roça de Ponciá, nos tempos de casa de pau-a-pique, de chão de barro batido, de bonecas de espigas de milho, de arco-íris feito cobra coral bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz” (PV, 24). De outro lado, há as recordações doloridas da menina, marcadas, principalmente, pela sua mudança para a cidade grande. Quando migrou, Ponciá tinha 19 anos. Além da viagem sofrida passada no “trem negreiro”, a menina se recorda dos momentos iniciais da nova vida: quando chegou à estação e não havia ninguém esperando por ela, de ter ido para a igreja depois de sua chegada, das pessoas e dos santos que viu por lá, da primeira noite passada na rua, ao relento, e de quando conseguiu seu primeiro emprego na casa de uma senhora.

Embora a esperança seguisse com a protagonista durante seu trabalho e seus sonhos, as pedras foram maiores em seu caminho. Os sonhos de Ponciá vão se dissipando aos poucos, à medida em que a vida a surpreende com as dificuldades. Dessa forma, a memória da infância, da menina negra, tão repleta de boas recordações, vai sendo substituída pela memória da adolescente negra, empregada doméstica e da mulher que apanha do marido, que sofre sete abortos e se perde dos seus.

Embora as recordações da menina Ponciá nos venham narradas como boas e felizes, algumas vezes tomamos conhecimento também de tristes lembranças da infância dela, como a morte do pai na colheita e a trágica história do avô. Essas e outras lembranças estão intimamente ligadas à memória coletiva da personagem.

Conclusão

Em sua dissertação de mestrado, Conceição Evaristo afirma que “a literatura negra é um lugar de memória” (1996, 24). Essa literatura, que traz para o leitor as marcas desse passado não tão distante, precisa dessa memória para reafirmar sua identidade e sua cultura. A memória diaspórica, coletiva ou individual é a marca do escritor afro-brasileiro, sua motivação e maneira de resgatar o passado, de livrá-lo do esquecimento em que a sociedade brasileira teima em permanecer. A herança de Ponciá lhe é intrínseca, assim como a memória o é para a literatura feminina e afro-brasileira.

Referências Bibliográficas

- [1] BARBOSA, Maria José Somerlate. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003. p.5-8.
- [2] EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- [3] _____. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

[4] RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Éditions du Seuil, 2000.

Autora

¹ **Aline ARRUDA, mestre em Teoria da Literatura.**
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA)
E-mail: alinearruda10@bol.com.br